ISSN: 2358-8829

O POTENCIAL DA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA NAS PESQUISAS QUALITATIVAS EM EDUCAÇÃO: histórias de vida como suporte à formação

Tiago Costa de Matos [1]
Raquel Melo de Assis [2]
Joelson de Sousa Morais [3]

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias está intimamente ligado aos momentos em que a audição fora aguçada pela alocução de nossos antepassados. É muito comum observarmos nosso pai, nossa mãe, ou seja, pessoas de mais idade com uma capacidade inata de relatar acontecimentos de suas infâncias e juventudes com maestria, momentos que, se bem aproveitados, tendem a nos transportar para quadras históricas até então intangíveis.

Os relatos das brincadeiras de época, a relação com os progenitores (neste caso, transportando para o momento atual, seriam nossos avós, bisavós, etc.), as amizades que denotavam uma vizinhança muito mais aprazível e, sobretudo, seus momentos de escola – enalteço esta fase da vida, pois as explanações nos mostram uma rotina *sui generis*, marcada pela autoridade singular da professora, avessa aos moldes freirianos, ou seja, era o autoritarismo por si só, materializado, sobretudo, pela famigerada palmatória.

Todavia, estas histórias ficam presas ao imaginário individual, tornando-se peças de um momento longínquo que tende a se esvair, pois tais momentos de grande ebulição

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, tiagocosta84@outlook.com;

[2]Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, raquelmelodeassis02@gmail.com;

[3]Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da UFMA/Campus Codó e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/UFMA, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE)/UFMA - Campus Imperatriz-MA e do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB)/UFMA-Campus Codó. E-mail: joelson.morais@ufma.br;

de conhecimentos estão cada vez mais raros, na medida em que se vive em um ritmo frenético que, na visão de Bragança (2012), acaba por promover a interdição das experiências, representadas por situações de encontros, partilha, diálogo e reflexão, resultando na sobreposição da informação perante o conhecimento.

> O conhecimento como expressão da existência humana exige reflexão pessoal, exige parar a "aceleração" da vida cotidiana, o ritmo cronológico e se permitir voltar a si mesmo, fortalecendo os fios que, em cada ciclo da nossa vida, dão sentido à existência. (Bragança, 2012, p. 64)

Logo, trazer tais narrativas para o campo da realidade, através das escritas de si, tende a ser uma ferramenta de grande valia para processos formativos, sobretudo quando se coloca em pauta os questionamentos propostos por Morais (2024) quanto à densidade e pujança destas reflexões.

> (...) o que é capaz de me acontecer quando narro as experiências vividas de minha existência, pesquisa e formação? O que está por traz das escolhas da abordagem narrativa (auto) biográfica como perspectivas e horizontes a seguir? E como faço com as expressões narrativas que teço ou são tecidas por outras pessoas com as quais dialogo? (...) (MORAIS, 2024, p. 14)

É nesse horizonte que se situa o presente trabalho, recorte de um anteprojeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Seu ponto de partida é um fenômeno que mobiliza o debate educacional brasileiro: a militarização de escolas públicas. O Decreto nº 10.004/2019 instituiu o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim), revogado pelo Decreto nº 11.611/2023 (BRASIL, 2019; 2023), mas modelos semelhantes seguem sendo mantidos ou criados por redes estaduais e municipais, ligados a Polícia Militar ou ao Corpo de Bombeiros.

Sobre esse modelo há posições divergentes. Seus defensores o associam à disciplina, à segurança e à melhoria de indicadores como o IDEB; seus críticos apontam tensões com a gestão democrática do ensino público, prevista na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), bem como com a autonomia pedagógica pontuando que os estudos sobre desempenho trazem resultados divergentes. Este trabalho não pretende arbitrar esse debate nem avaliar a eficácia geral do modelo. Interessa-lhe escutar uma voz que costuma ficar à margem dele: a do professor que vive a mudança no cotidiano da escola.

Assim, o objetivo é compreender as implicações da militarização escolar para a dinâmica da formação docente, e como a narrativa autobiográfica pode fomentar tal processo,

buscando respostas à seguinte indagação: podem as histórias de vida impulsionar a formação?

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa (Ludke; André, 1986), que parte de uma revisão bibliográfica sobre formação docente e histórias de vida e se apoia na abordagem narrativa (auto)biográfica. O estudo provém de anteprojeto de pesquisa de mestrado e apresenta, por isso, resultados parciais.

A abordagem narrativa autobiográfica pauta-se na história de vida de uma docente que vivenciou a militarização em sua escola e superou as dificuldades advindas. Adotou-se o recurso das escritas de si, materializado nos memoriais de formação, nos quais quem narra é, ao mesmo tempo, escritor, narrador e personagem, encadeando acontecimentos relacionados às experiências de formação, à prática profissional e à vida. A identidade da docente e da escola é preservada.

A revisão bibliográfica seguiu as etapas de leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa (GIL, 2002). Reuniu autores da formação docente, como Pimenta (1999) e Imbernón (2011), e da pesquisa narrativa (auto)biográfica, como Josso (2010) e Passeggi (2016), além de pesquisas de mestrado e doutorado condizentes com a temática.

O tratamento do material ancora-se na perspectiva histórica e dialética, em especial no primeiro princípio do materialismo dialético, o da conexão universal dos objetos e fenômenos (CHEPTULIN, 1982). Segundo esse princípio, nenhum fenômeno se explica isoladamente: a militarização de uma escola precisa ser compreendida em sua relação com as políticas educacionais, com a história da instituição e com os sujeitos que nela trabalham e estudam. Em etapa seguinte da pesquisa, será desenvolvida uma abordagem histórica e dialética do contexto da militarização, traduzindo os desafios de docentes e discentes diante da nova rotina; neste recorte, o princípio orienta a leitura da narrativa em articulação com esse contexto.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Pimenta (1999) entende que a identidade profissional do professor se constrói pelo significado social da profissão e também pelo sentido que cada docente atribui à atividade que exerce, a partir de sua história de vida, de seus saberes, de suas angústias e de seus anseios. Nessa perspectiva, os saberes da docência não se reduzem ao conhecimento específico: incluem os saberes da experiência e os saberes pedagógicos, que se reelaboram na prática. Nóvoa (1992) acrescenta que as dimensões pessoal e profissional do ser professor são inseparáveis, razão pela qual a formação deve considerar as trajetórias dos docentes.

Imbernón (2011) concebe a formação docente como desenvolvimento profissional que se constrói na própria instituição educativa, em contexto, com reflexão e em colaboração, e que depende da autonomia dos professores e das condições em que trabalham. Formar-se, nessa visão, é preparar-se para a mudança e a incerteza, e não apenas aplicar prescrições externas.

Josso (2010) concebe as narrativas de vida como processo de formação: ao contar e refletir sobre o vivido, o sujeito reconhece as aprendizagens experienciais que realizou e questiona seus projetos de vida e de formação. Passeggi (2016) destaca que, nesse movimento, o professor se revela como ser aprendente, capaz de compreender a historicidade de suas aprendizagens e de produzir conhecimentos sobre seu fazer. Bragança (2012) toma a vida como espaço e tempo de formação, entendida como processo permanente, e Souza (2006) vê nas narrativas um caminho para o conhecimento de si na formação docente.

Os memoriais de formação são um dispositivo dessa tradição. Neles, quem escreve ocupa três lugares ao mesmo tempo, o de escritor, o de narrador e o de personagem, e organiza em enredo os acontecimentos que marcaram sua formação e sua prática. Delory-Momberger (2016) lembra que o biográfico é uma categoria da experiência, por meio da qual o indivíduo integra e interpreta os acontecimentos vividos em suas inscrições sócio-históricas, o que impede de tomar a narrativa como assunto meramente privado.

ISSN: 2358-8829

Freire (1987) opõe à educação que deposita conteúdos nos educandos uma educação libertadora, fundada no diálogo e na problematização da realidade, afirmando a autonomia como saber necessário à prática docente (Freire, 1996). A perspectiva dialética (CHEPTULIN, 1982) permite ler essas ideias em relação com o contexto: o trabalho docente é atravessado por condições históricas, políticas e institucionais que o limitam ou o ampliam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por tratar-se de recorte de pesquisa em andamento, os resultados são parciais e decorrem do diálogo entre a bibliografia e a narrativa da docente. Organizam-se em três pontos.

O principal resultado é que a militarização escolar se constituiu, para a docente, em um momento de grande tensão, sobretudo pela rotina pautada na hierarquia e na disciplina, como bem observado no recorte seguinte.

> "Em muitos momentos, senti uma pressão constante e a impressão de estar sendo observada e avaliada o tempo inteiro. Também enfrentei dificuldades para me inserir em uma cultura institucional diferente daquela que eu conhecia e havia ajudado a construir ao longo dos anos na escola pública. Foi um período de muitos desafios, marcado por inseguranças, aprendizados e pela necessidade de me reinventar profissionalmente todos os dias." (Docente narrador)

Essa rotina deslocou o trabalho de professores que buscam uma educação libertadora. À luz de Imbernón (2011), a tensão é compreensível: se a formação e o trabalho dependem de autonomia e de reflexão em contexto, uma organização que privilegia a obediência estreita o espaço para decisões pedagógicas. Sob Pimenta (1999), a mudança de rotina afeta a identidade profissional, pois altera o sentido que o professor atribui à sua atividade, e o diálogo defendido por Freire (1987) passa a disputar espaço com a hierarquia.

Cabe registrar que essa leitura vem de uma experiência singular. Defensores do modelo argumentam que a disciplina favorece o ambiente de aprendizagem, e outros docentes podem vivê-lo de modo distinto. Por isso, o resultado não autoriza generalizações sobre o modelo como um todo.

ISSN: 2358-8829

O segundo resultado diz respeito ao que a narrativa faz com quem narra. A docente superou as dificuldades advindas da militarização, e a escrita de si é o meio pelo qual esse percurso ganha inteligibilidade. Para Josso (2010), narrar o vivido permite reconhecer o que se aprendeu com ele e reorientar projetos; para Passeggi (2016), o professor produz conhecimento sobre os próprios modos de fazer, de ser e de aprender. A tensão deixa de ser apenas obstáculo e passa a ser objeto de reflexão, de modo que as histórias de vida atuam como suporte da formação, e não apenas como registro dela. O movimento reencontra o argumento de Bragança (2012): a experiência narrada, partilhada e refletida pode ser transformadora.

O terceiro resultado é metodológico. A narrativa singular só revela seu alcance quando relacionada ao contexto. A tensão vivida pela docente não é apenas pessoal: liga-se a políticas de militarização, a concepções de qualidade e de disciplina e à história da escola. Ao mesmo tempo, o contexto só ganha concretude quando se escuta quem o vive. As abordagens narrativa e dialética se complementam: a primeira traz o vivido; a segunda, as relações que o explicam.

Retomando a indagação inicial, os resultados parciais sugerem que as histórias de vida podem impulsionar a formação quando oferecem ao professor um espaço para refletir sobre experiências de tensão e dar-lhes sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visa a compreensão das implicações da militarização escolar para a dinâmica da formação docente a partir da narrativa de uma professora. Os resultados parciais indicam que a militarização, vivida sob uma rotina pautada na hierarquia e na disciplina, foi um momento de grande tensão e deslocou o trabalho de quem busca uma educação libertadora, e que a escrita de si, em memoriais de formação, ofereceu um meio de ressignificar essa experiência.

Reconhecem-se os limites: trata-se de recorte de pesquisa em andamento, baseado em uma única narrativa, que não permite generalizações e tampouco julga o modelo militarizado como um todo. A pesquisa prevê aprofundar a abordagem histórica e dialética e ampliar o conjunto de vozes ouvidas. Espera-se que o estudo contribua para colocar a voz docente no centro do debate sobre militarização escolar e para reafirmar o

contar histórias, tão antigo quanto os relatos de nossos antepassados com que este texto se ampara como fonte de formação.

Palavras-chave: Militarização escolar. Narrativa (auto)biográfica. Formação docente.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRASIL. Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 set. 2019. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d10004.htm. Acesso em 28.10.2026.

BRASIL. Decreto nº 11.611, de 19 de julho de 2023. Revoga o Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019, que institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jul. 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11611.htm. Acesso em 28.10.2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html. Acesso em 28.10.2026.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526. Acesso em 20.10.2026.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, J. S. Autobiografia, narrativa e pesquisaformação: princípios, conceitos e finalidades nas pesquisas qualitativas em educação. **Revista de Educação PUC-Campinas**. Campinas, v. 29, e2412953, 2024. DOI: 10.24220/2318-0870v29a2024e12953. Disponível em https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reveducacao/article/view/12953. Acesso em 20.10.2026.

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267. Acesso em 20.10.2026.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-34.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.